

Recorte deste Artigo (ou Plano de Imanência).

A questão da ética em si já é tema vasto o suficiente para tomar, sendo minimalista, ao menos um artigo disposto a instigar maiores e mais aprofundados debates. A filosofia, na medida em que apresenta um sistema de pensamento que pretende se opor e suplantar um outro que se coloca como tradição, por suposto, pretende de alguma forma mais ostensiva ou implícita estabelecer uma ética no sentido de um padrão de comportamento ou de cosmogonia, ou mesmo de cosmovisão que importa na produção de um valor.

Não há esforço em perceber na maiêutica ou no domínio do cavalo apetitoso pelo cocheiro que encarna a razão do pensamento socrático, ou em toda a teoria da verdade em Platão, em Nicômaco do mestre Estagirita, na clareza e distinção cartesiana, nas faculdades e juízo de Kant, no asceta de Schopenhauer e de todos entre todos, não há a nosso ver nada mais potente no pensamento da ruptura e de desacomodação do homem em seu *ethos* do que o martelo de Friederich William Nietzsche. O pensamento filosófico invariavelmente pretende realizar uma ruptura e firmar conceitos, organizações sistêmicas de ideias, por força disse nos é quase impossível pensar em sentido negativo, como sinônimo de ausência ou nadificação como vaticina Heidegger.

Com certo receio de errar, acredito que toda a filosofia traz em algum escaninho uma ética em maior ou menor grau onde o exemplo primaz é a eleidade de Emanuel Levinas magnificamente amplificado por Derrida. Em um nível quiçá um tanto mais implícito, a premissa de um deus não enganador de René Descartes.

Assim sendo, correndo os riscos, devo confessar que meu plano de imanência foi se reduzindo na medida em que selecionava e verificava a extensão das obras a serem relacionadas desde a empreitada inicial quando pensei em falar da ética em Nietzsche e Foucault (!), até o momento atual onde verifico que meu fôlego e prazo não me permitirão senão traçar um paralelo acerca de um alicerce do pensamento do mestre alemão: O Eterno Retorno do Mesmo, na leitura de Heidegger e o Eterno Retorno da Diferença no pensamento de Deleuze.

Considerações Gerais sobre a Ética

Da vastíssima obra acerca do pensamento de Sócrates que, sem sombra de dúvida, trouxe uma visão inovadora da ética e ainda ao contestar o senso comum desenvolveu uma nova forma de na origem da civilização europeia, tinha como característica, a meu ver desconcertante ainda que entendido metafóricamente, a presença de um agente externo, o daimon. Este atuava em sentido da contenção, ou seja se furtava a propor uma ação, mas o que abster-se de fazer. Isso nos leva a refletir que entender o bem e o justo como o simples absentismo de seu oposto diametral, ainda que possa de alguma maneira satisfazer não possui o condão de eliminar todo o cordel de indagações e inquietações que teimam em desassossegar. E esta sensação pode muito bem nos fazer verificar como o tema é tratado em a República, vez que a obra ainda que pretenda estabelecer um modelo político ideal, eficaz e efetivo para cada um na medida em que cada

indivíduo é modelo, ou melhor *paradeigma* de uma sociedade mais ou menos justa e pela definição do gigante de Atenas, mais feliz.

E é no episódio do Anel de Gigles que, a meu ver, há um primeiro tauma a ser vivenciado, eis que o leitor se vê mergulhado na aflita sensação de que a moral não introjetada, se reduz a um temor, uma espécie de relação invasiva da sociedade em cada qual. Quero dizer que a moral do temente, seja ela a deus, a crítica social, a retaliação da sociedade ou as penas da lei, este último em um plano mais institucional difere substancialmente da ética endógena que se apresenta como opção de comportamento ativo ou comissivo por razões que dizem fundamento a si e a mecanismos emocionais como remorso, culpa ou de recompensa, sentir-se justo e bom, com forçosa desconexão com a punição cominada à prática do delito moral que se esteja tentado a perpetrar. O exemplo que consegui formular que melhor busca ilustrar tal dicotomia é o da fidelidade conjugal. Acredito que todos os viventes com maturidade sexual e vivência em relacionamentos afetivos experimenta tal processo de deliberação ética. Não trair porque o outro pode descobrir e isso trará consequências que podem ir do intenso sofrimento alheio, à perda definitiva do relacionamento ou ainda a uma (des)velada justiça que economicamente ganha a alcunha de dar o troco, possui um vértice um tanto diferente daquele que fundamenta sua decisão no fato de amar a outra pessoa e por isso mesmo inibir-se de outros relacionamentos casuais e menos elevados espiritualmente. Evidente que nem todos amam com a mesma intensidade a todo o momento e esse fundamento frequentemente cai por terra em função do enfraquecimento do elo por conta das marés afetivas que regem o convívio. O refúgio mais seguro parece ser o da decisão de não trair por uma decisão própria e desconectada do outro - até porque tal postura previne um sentir-se parvo - se descobrir depois que apenas um dos membros do casal foi fiel - e se estabelece por uma razão própria, uma decisão que pretende recompensar a si se colocando em um patamar ético superior, e possivelmente gratificante e que tende a ser ter mais fortaleza, por força de uma decisão que não diz respeito à garantia da não punição ou de seus afetos para com a pessoa amada. A expressão temente a deus, assim posta, teima em traduzir claramente o que para muitos é a ética mandamental exógena tão ampla quanto frágil quanto aprisionante, uma vez que exige um aparelho perpétuo e ultra eficaz como o esquemático panóptico¹ de Michel Foucault.

É o campo fértil da psicanálise com seu aparelho anímico soterrado em recalques e assunções do superego.

Tentando dar alguma ordem nessa sucessão vestibular de ideias, vale recorrer a Bruno Snell quando nos faz lembrar que o mandamentário judaico cristão se resume, em quase a totalidade em um rol de não fazer. Não matarás, Não cobiçarás, enfim a abstinência.

Mas é quando nos deparamos sem fôlego diante das páginas de a Genealogia da Moral que reparamos que no DNA da concepção de Bem esta a de seu

1 - De Vigiar e Punir. É a base de um sistema originalmente penitenciário onde a pessoa não tem como saber se esta sendo vigiada ou não e por isso obriga-se a uma conduta permanente. No modelo fabril as bancadas ficavam tidas viradas numa direção e a supervisão sempre atrás às costas dos operários. Ainda se percebe esse modelo em muitos escritórios e repartições ou ainda na escolar onde o professor distribui a prova e se posiciona no fundo da sala.

utilitarismo. O bem com decalque do vantajoso, conveniente, eficaz, eficiente e efetivo para furtar conceitos modernos da relação do homem com os aparelhos produtivos. O bem como alicerce e aliado de uma existência feliz e recompensadora. A economia da atitude mais adequada ao melhor aproveitamento do esforço genético da espécie parece se travestir de uma maneira absurdamente convincente em desejos, necessidades, vontades e toda a espécie de ação que teima em nos expelir para fora da cama todas as manhãs. Em que pese a força comburente do dinheiro, poder, glória militar, kléos, há uma força que aquece toda e qualquer existência humana inexoravelmente trilhando seu caminho rumo à finitude e o pior, ao esquecimento. Inexistir em corpo é ainda fardo mais leve do que a finitude na memória descendente que nos desaponta ao eliminar em todos a quarta geração ancestral. De fato, quase nenhum dos viventes consegue arrolar a causa mortis, a profissão ou mesmo o endereço do ente querido em muitos casos sequer uma única característica elementar do nem tão distante pai do bisavô. Este tem a existência nadificada pelo completo esvaimento da memória coletiva. A memória, essa sim nosso único elemento de conexão com o fenômeno da duração que junto com uns poucos, tais como a extensão, podem emprestar alguma matiz de essência ontológica a este texto. Na agonia da primeira morte, a do corpo, e na pós agonia que não espeta o corpo mas apoquenta a alma, a morte da ideia de você enquanto lembrança em outro espírito, resta a agonia de tentar, na vertigem da incessante derrota infinita de Sísifo. Tu aqui muito mais morto que te imaginas, mesmo que estejas muito mais vivo além, decanta o mestre Fernando Pessoa no poema 451. Mas há de haver uma conexão clara, uma verdadeira avenida que lance o vivente, como que levado por uma força centrípeta em direção ao fenômeno do reconhecimento e por assim dizer desafiando a mortalidade, e uma ética econômica e recompensadora à médio ou longo prazo, afinal diferente do estatuto proposto, o coisa ruim, impronunciável, teima em simplesmente pagar à vista, para o embasbaque dos humanos tão fracos quanto numerosos. Hoje temos poucas dúvidas acerca da força responsável pela edificação das pirâmides do Egito. Não se tratava de escravizar e ameaçar. Ao contrário se apresentava a possibilidade de uma vida plena em negação nilista à terrena. O primeiro e mais profundo de todos os nilismos, aquele que mostra que a experiência da terra deve ser desprezada em recompensa a uma eternidade infinitamente mais longa de recompensas pelo caminho ético. A natureza teima em se esconder e fazer cada qual querer como se fosse para si o que em verdade é o mais adequado para a espécie que não tem identidade, mas é esse conjunto de vontades que movem as mais arraigadas terras e os mais revoltos dos mares. Muito mais importante que a invenção da roda é a da teoria da salvação e há nesta última um trilhar ético onde a monótona e previsível trilogia do ajudar, amar e respeitar parecem insistir em tecer o novelo da escatologia bancária, contábil e escancaradamente econômica de um ser existente mas que sabe que vai morrer. Não há valor no gesto decorrente do escambo emocional e o perdão ou é impossível ou não pode se apequenar à ponto de ser objeto de troca. Ambas as dimensões são inaceitáveis porque ou não podem ou não merecem ser vividas. Por tudo isso, quando nos perguntamos à respeito de uma ética, nos deparamos com um caminhar ao longo da filosofia, psicanálise, neurociência e até a física quântica, e a astronomia, bem como em todas as demais ciências que nos empurram para os limites do pensamento e da tolerância existencial. E acabamos nos debatendo

em solipsismo, angústia, inquietação e arrebatamento, um de cada vez ou em cada lapso uma combinação que se apodera, domina, usurpa e exclui.

O Bem, o bom e o Útil

Basta que nos detenhamos um pouco mais sobre o sentido do arcabouço moral da civilização ocidental e continuamos a nos valer dos ensinamentos de Bruno Snell para verificar que a questão da conveniência e oportunidade do ato humano esta na raiz dos preceitos. O que é bom para si e ao mesmo tempo para o coletivo é o justo, e a moral coletiva se aproxima ao máximo da individual.

Como dissemos anteriormente, o homem feliz é aquele que enfrenta a mortalidade com única ferramenta que possuímos: o reconhecimento. A única hipótese de vencer a barreira da finitude é ser lembrado posteriormente pelos descendentes, amigos ou mesmo inimigos (que à sua forma o valorizam de tal sorte que o mesmo o afeta) e o homem comum não consegue ultrapassar a barreira da quarta geração, exceto de inscrever seu nome na história com feitos relevantes ou mesmo as obras em pedra. Reconhecimento é a semente da posteridade e haver uma posteridade é driblar morte. E o reconhecimento, por suposto, é a base, desde os primórdios do binômio honra e virtude que se constituem no elo forjador da preceituação ética. Esses traços permeiam claramente tanto os estatutos antigos do direito como as análises dos sistemas de recompensa produzidos pelo núcleo *accumbens*² hoje devidamente sistematizados pela neurociência.

No campo do direito desde a máxima retributiva de Talião ao moderno conceito de reparação do dano, até o contemporâneo e elástico conceito de dano moral, expressam, cada um à sua forma, um modelo pecuniário que quantifica a perda, seja ela material, mas o mais importante: a imaterial em um sistema de escambo onde o útil, expresso na relação econômica, nos invoca, em um escaninho da alma, a sensação de uma moral resignada, impotente de se manter no jogo do significativo transcendental. A vida, a reputação e a saúde de um ser humanos passaram a ser, nessa gramática, bens fungível, eis que plenamente indenizáveis! Há um forte sensação de contradição quando percebemos que tanto a honra, como e felicidade, por exemplo, por terem o DNA do útil declama o jogo do individualismo egocêntrico, anátema do fundamento ético que aqueles valores teimam em reclamar. Como é possível indenizar a morte de um filho? Como podemos conviver com os diferentes valores que são atribuídos às vidas humanas em nossos tribunais, ou mesmo como pode o dinheiro compensar a prisão privativa da liberdade que se mostrou injusta ou a destruição da honra pelos meios de comunicação? As grandes variações do estatuto ético, evoluíram de uma maior amplitude no que se refere ao eventual protagonista do valor moral-utilitário, com a inclusão de uma parcela maior de habitantes no status de cidadania e o entendimento que a diversidade vaticinada pela *phishys* é também desejável no ethos humano e portanto deve ser defendido pela *nuos*.

O bem é em última análise vantajoso, nos ensinam o tempo todo, na escola, igreja, presídios e outras instituições de impressão e controle atitudinal ainda que não seja para aquele que o pratica, ou seja quer que se acredite que até por

² Responsável pela produção dos neurotransmissores que geram as sensações de prazer e recompense e estão absolutamente conectados ao que é melhor para si em conjugação com o que é melhor para a sobrevivência da espécie.

egoísmo vale a pena fazer o certo, ser honesto, praticar o bem, ser correto, saudável e decente, respeitar as leis e os bons costumes ou seja lá qual expressão melhor apraz. E não há nenhum terreno mais fértil para a observância destes preceitos no mundo contemporâneo do que o Facebook. Nos templos comumente esta um a falar e os outros a ouvir, assim como infelizmente ainda ocorre na maioria das escolas, mas nas redes sociais estamos aos milhões propagando, defendendo e principalmente policiando os valores da família (ainda que haja divergências entre composição e organização) e do bem comum. Podemos bem ilustrar com as grandes virtudes do classicismo. A arethé que leva ao olbios: justiça (dika), coragem (andrea), sabedoria (sophia), moderação (kratos)... Frequentemente alguém escreve que gostaria de viver no Facebook um lugar onde só há viventes na plenitude de sua magnificência. Ainda nos tempos atuais, verificamos uma reaproximação escancarada entre utilidade e moral com os modelos de sindicalismo por resultados, políticas públicas através de resultados, competitividade, desempenho, meritocracia, eficiência com eficácia e efetividade, enfim um sem número de conceitos, boa parte deles com o sempre desejável tempero da ciência a abençoar o receituário moral que permeia uma fração de um vastíssimo esguicho de informação que qualquer humano do ambiente urbano se vê imerso.

Alicerce imperturbável da matriz ética é o paralelo econômico da caderneta de poupança. Poupar dinheiro, poupar-se de prazeres, deixar de viver agora para viver melhor mais tarde, numa hipotética melhor relação de custo-benefício do tempo de vida. O diabo paga a vista, registra o adágio. A temperança (sophrosyne) é a máxima a ser seguida pelo homem bom.

Friedrich William Nietzsche

Nietzsche elaborou uma nova maneira de pensar a cultura: esta revela o mundo enquanto apropriação de forças que lhe atribuem forma e valor. Por outro lado, tais forças são expressão de uma vontade em relação à vida. É que Nietzsche entende por vontade a sua própria concepção da existência: para a vontade humana, parece ser necessário que todo querer seja entendido em relação a um sentido da vida. O sentido da vida consistia antes, precisamente, na relação com o transcendente sobrenatural, ou seja, com Deus. Nietzsche mantém, porém, que se já não podemos manter esta crença, nossa vontade cai primeiro num vazio, o nada. Vamos ouvi-lo: *“antes de nada querer, a vontade quer o nada”*. Isto é o que Nietzsche chama de *“decadência”* ou *“nihilismo”*. Nietzsche estava convencido de que o homem necessita para viver de um sentido para a vida e, por isso, viu a sua tarefa numa reavaliação dos valores, segundo a qual os homens deveriam ser o sentido da vida na própria vida. Ao invés de obedecer aos valores dados (valores supra-sensíveis), o homem criaria seus valores. Isso significa que a transcendência para o sentido da vida voltar-se-ia para o interior do próprio ser humano, ou seja, se os valores da vida não são dados por Deus, então teriam que ser criados pelos homens. A idéia da criação é central em Nietzsche, mas como entendê-la? Uma possibilidade aqui é a arte. Porque a arte para Nietzsche é o que dá sentido à vida. Nietzsche acreditava também que os valores morais, se não são dados pela religião, devem ser vistos como fundamentos no estético. Por outro lado, a vida em Nietzsche é entendida como vontade de potência, ou seja, o ser do homem, e não só do homem, mas de todo ser vivo, tem que se entender como vontade de poder. Esta noção foi elaborada a partir da identificação do momento

onde ser forma uma dupla possibilidade de cultura: ativa e reativa. A cultura é expressão de vontades distintas em relação à vida: por um lado Nietzsche percebeu na cultura grega elementos da mais profunda afirmação da vida. A vontade afirmativa que aí se expressa percebe na existência um caráter múltiplo e diverso. O filósofo interpreta no nascimento dos valores morais cristãos uma vontade contrária à vida, na qual se nega tal caráter próprio à existência. A moral e também a razão, à medida que pensam a existência a partir da verdade eliminam a multiplicidade que é para Nietzsche expressão da vida. Para o pensador alemão todo o conceito traz a necessidade de igualação do desigual e a valorização da experiência do devir em sua multiplicidade deve ser resgatada diante de uma hipervalorização das verdades puras e absolutas em sua trajetória que nasce em Platão (ou em Parmênides), se fortalece com o pensamento judaico cristão e ganha novos contornos com a natureza racional de Kant e uma forte dose de esperança em uma história pujante a caminho da perfeição humana em Hegel.

Toda palavra torna-se logo conceito justamente quando não deve servir, como recordação, para a vivência primitiva, completamente individualizada e única, à qual deve seu surgimento, mas ao mesmo tempo tem de convir a um sem-número de casos, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais. Todo conceito nasce por igualação do não-igual. Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente iguala a outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que fosse "folha", uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, frisadas, pintadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial. Denominamos um homem "honesto"; por que ele agiu hoje tão honestamente? – perguntamos. Nossa resposta costuma ser: por causa de sua honestidade. A honestidade! isto quer dizer, mais uma vez: a folha é a causa das folhas. (Nietzsche, 2008:95)

Ele resgata a metáfora, o devir da linguagem aberta, cuja a máxima estava na arte trágica vilipendiada por Platão. As vidas efetivamente vividas e afirmadas como tal em contraposição à maiêutica socrática. Mas até Zaratustra Nietzsche viveu uma aparente contradição ao propor um sistema que se colocava como antitético à qualquer sistematização. Ele confessa em sua última obra *Ecce Homo* que foi somente em Zaratustra que suas ideias encontraram a forma adequada. Ele diz: Talvez, o meu Zaratustra deve ser considerado como musical, certamente a regeneração da arte de ouvir não é uma premissa necessária. Ele propõe nada menos que a transmutação de todos os valores. A passagem mais possante e instituidora deste pensamento esta na passagem do Camelo, do Leão e da Criança - Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança. – onde o camelo é aquele que tudo suporta, que carrega esta verdade que a alivia a culpa, o leão é capaz de dizer um rotundo não contra o tu deves dos valores cristãos e o

tu deves dos valores modernos. E criança é capaz de dizer alegremente um sim para a vida emprestando sentido à mesma, sendo protagonista de sua própria verdade, criador de seus próprios valores. Ainda hoje o que vivemos é um processo de profunda anestesia do pensamento acerca do viver e dos valores inerentes à existência. Quando se fala em justiça, democracia ou liberdade naturalmente nos vem a mente uma ideia transcendente, quase metafísica desses conceitos que foram maravilhosamente desenhados pelos pintores romantistas do século XVII/XIX como Eugène Delacroix, e nos recordamos quantas pessoas deram a vida em guerras, movimentos contra as ditaduras e mesmo hoje há muita gente disposta a se sacrificar pelo que colocamos nesse pedestal de ideais humanos que nos elevam a uma ideia quase soterológica. O que houve de fato foi uma substituição de soterologias, a cristã deísta, pelo endeusamento de valores modernos. Mas quando saímos desse plano metafísico e abrimos os jornais percebemos que a democracia é um jogo que atrai cada vez menos pessoas, a crise no sistema representativo atinge diversos países como a Alemanha, Portugal, Chile e Brasil apenas para citar alguns que tiveram número imenso de abstenções nas últimas eleições. A justiça parece servir ora ao poder político e econômico, ora a dar satisfação a setores da opinião pública. E assim podemos verificar um enorme ceticismo que leva muitos jovens a lerem a Constituição do Brasil e jocosamente a classificar como obra de ficção. Resta o individualismo e o mecanicismo rotineiro que nos esconde de nós mesmos, acordar, trabalhar, fazer churrasco, mergulhar no viver alternativo dos filmes, pagar as contas, dedicar a vida a um hedonismo fútil onde comer, beber, comprar e viver a vida dos filhos tenta tapar vazio existencial... Nada faz sentido a existência humana parece ter chegado ao esgotamento. A ciência e o progresso não nos levará a salvação declamada por Hegel. Auschwitz e Hiroshima são os testemunhos mais eloquentes. Com a constatação de que vivemos uma vida sem sentido, descartável e tola esmagam-se os valores onde tudo pode ser igual a qualquer coisa. É o rebanho sem pastor, onde se mata por um tênis e a notícia no jornal passa despercebida. Um civilização de zumbis onde todos assinam jornais e quinze minutos depois de folhear as páginas do periódico não lembra de nada do que leu.

Quicá o último de nossos nihilismos seja o celebritário, onde negamos a vida terrena em troca de uma hipotética vida na hipnose dos filmes ou o mais grave encarnados nas vidas das celebridades, que representam um simulacro de virtuoso, detentor de um superpoder ou um dom, onde tudo é mais fácil, os prazeres mais fartos e a expressão de um paradigma de bem viver. A encarnação de todos os valores em rostos famosos e ambulantes que contaminam a todos por onde passam distribuindo beijos, autógrafos, fotos ou um pedacinho qualquer deste paraíso que emana de seus poros. Deuses a conviver com os mortais como na antiguidade, aliás com características semelhantes envolvendo paixões, traições e intrigas que levam as multidões ao delírio. O carpete vermelho é o Olimpo contemporâneo e a estatua do Oscar a dádiva da imortalidade tão presumida quanto patética.

Bases Essenciais do Sistema Nietzsche

Iniciar este texto que pretende estabelecer um estudo comparativo entre as visões de Heidegger e de Deleuze sobre a questão do Eterno Retorno, força-nos a

uma breve passagem recordando alguns dos elementos fundamentais da teoria de Nietzsche, a saber: A morte de Deus e os três niilismos, Vontade de Poder e Além do Homem. Vamos a eles:

Correndo o risco de cair em lugar comum, resta invocar o trecho de Zaratustra onde o louco esta a perguntar onde estaria Deus, se alguém o teria visto. A questão que se coloca não apenas nessa obra mas em tantas outras como em Gaia Ciência (aforismo 125), é que a segunda metade do século XIX foi o episódio da história da humanidade onde a metafísica deista foi substituída pelos valores científicos, suas estarrecedoras descobertas e sua enorme produção de novas verdades. O lugar da metafísica, entretanto, foi mantido como espaço privilegiado da completude do vazio existencial exigente e nunca saciado. De maneira mais esquemática pode nos socorrer Roberto Machado na brilhante interpretação da obra fixando os três niilismos em primeiro lugar o judaico cristão que nega o mundo terreno pelo plano existencial ulterior, como bem exercitado em a Genealogia da Moral. Diante de um mundo insuportável onde o escravo não tinha a menor possibilidade de afirmação de sua vida e de seus valores, restou a vendeta criativa que abomina o valor do nobre e valoriza o não querer, o não afirmar e o abster-se de agir em função da recompensa eterna em contraposição aos suplícios *post mortem* dos exacerbados viventes e afirmadores de seus valores com fundamento no útil e na satisfação diante de seu próprio status. Esse movimento fundador estrutura toda uma escala de valores onde o adiamento das satisfações e prazeres são objeto de recompensa e a impotência mundana celebrada com a superação espiritual. Uma relação eminentemente econômica-franciscana onde o bem valorativo do modelo criado trazia recompensas no além facilmente comparadas com o sistema religioso egípcio onde a alma da pessoa morta era pesada por Anúbis que aferia seus atos bons e ruins... Séculos foram consumidos neste processo que foi se corrompendo na medida em que novas estruturas de poder foram estabelecendo novas verdades, papéis sociais e morais para todo o povo. O segundo niilismo promoveu a morte de deus mas a sua imediata substituição por valores, conhecidos como significantes transcendentais cujo DNA vêm da antiguidade clássica resgatada pelo renascimento, mas expandida pela Revolução Francesa e consolidada no século XIX. Esse processo se expandiu até boa parte do século XX e é difícil economizar palavras ao ao refletir acerca do ideário de valores humanos criados desde então. Questões como liberdade, democracia, igualdade, liberdade de expressão, garantia ao processo legal, enfim um volume imenso de valores construídos desde então que levaram milhares de pessoas a morrerem em embates durante boa parte do século XX e até hoje o que não faltam são homens dispostos a trocar suas vidas pela afirmação dos mesmos. Mas as mesmas pessoas que neste momento poderiam cogitar em lutar por direitos civis e derramam lágrimas ao assistirem no noticiário a violação desses direitos também percebem que a democracia idealizada há de existir em algum rincão que não onde nós vivemos, que a justiça social é tão somente uma bandeira política, que o capítulo dos Direitos Sociais da Constituição ou o de Direitos e Garantias Individuais esta mais próximo do anedotário do que do noticiário. Até que um belo dia ninguém mais se interessa em manifestar o seu voto como magistralmente analisa Ivan Krustev.

Voice and exit thus distinguish the world of politics from the world of the market. The politics of voice is what we call political reform. But in order for political reform to succeed, there are several important preconditions. People must feel committed to invest themselves in changing their societies by feeling a part of that society. And for the voice option to function properly, people should strategically interact with others and work to make change together. Commitment to one's group is critically important for the messy and methodical politics of change to work properly. What worries me most at present is that citizens react to the failures of democracy in a way similar to how they react when disappointed with the market. They simply exit. They exit by leaving the country or stopping voting or, indeed, voting with blank ballots. The citizen with the smartphone acts in the world of politics the same way he acts in the sphere of the market. He tries to change society simply by monitoring and leaving. But it is the readiness to stay and change reality that is at the heart of democratic politics. It is this basic trust that allows society to advance. This is why democracy cannot exist without trust and why politics as the management of mistrust will stand as the bitter end of democratic reform.³

Estamos diante do terceiro niilismo onde o lugar de deus esta, aparentemente vazio, mas esta povoado de assertivas de valor sob o invólucro da cidadania crítica e mais um punhado de recomendações de bem viver que passam pela saúde obsessiva, temperança vigilante, poupança, abstinências em geral convivendo com o binômio consumismo-individualismo. O totem foi substituído pela celebridade e em todos há um paradigma de bem viver sob a batuta dos mandamentos da sustentabilidade, o sacerdócio contemporâneo.

A vontade de poder é tema exaustivamente explorado por Nietzsche, mas ainda sim suscita dúvidas se decidirmos por trilhar o caminho não metafísico. Na leitura de Heidegger em o capítulo para a nossa inquietude denominado A metafísica de Nietzsche a fundação do ser do ente caminhando ao lado de toda a leitura deste em relação ao mundo é decorrente de uma vontade que possui em si um assentamento valorativo. O gênio alemão do século XIX subscreve um conceito onde a vontade não se circunscreve à vontade da vida, ou um viver e suas vontades, ou ainda um viver enquanto manifestação de vontades.

³ This is a slightly edited excerpt from Ivan Krastev's book *In Mistrust We Trust: Can Democracy Survive When We Don't Trust Our Leaders?* Extraído da Revista Eletrônica Eurozine. <http://www.eurozine.com/articles/2013-02-01-krastev-en.html>

O querer mesmo é um assenhoramento sobre... que se estende para além de si; querer é em si mesmo poder. E poder é o querer que é constante em si. Vontade é querer e querer é vontade. (Heidegger 2010:39).

Este eixo gramatical se coloca remetido a Schopenhauer e naturalmente denegado por FWN. Ainda que a ideia possa açambarcar esta como um de seus aspectos. Importante é frisar que a vontade como força apenas pode ser aferida no plano da contraposição de outra força, contrária ou concorrente, mas necessária à sua verificação. Talvez não seja possível verificar a cinética sem o atrito, a propulsão sem a inércia. A vontade para Nietzsche em contraste a A.S. é palavra desprovida de conceito, eis que é a conjugação com o poder que articula sentido ao binômio. Ainda que Heidegger interprete o sistema Nietzsche dentro de uma visão metafísica podemos afirmar com maior precisão que a vontade formulada por A.S. tem uma conceituação mais adequada ao plano metafísico. No caso de Nietzsche a vontade de poder possui uma dimensão no próprio processo vital no sentido das pulsões⁴ e das forças que ensejam a duração e o poder que efetua o processo transformador, resistente e adaptativo⁵. A amplitude chega ao inanimado, vez que sob este atuam forças internas e externas, quer no todo quer em suas partículas atômicas em constante movimento-força que encerram uma quantidade brutal de energia.

O não apaziguamento normal de nossas pulsões – por exemplo, da fome, da pulsão sexual, da pulsão do movimento - ainda não contém em si nada de desalentador. Atua, antes, irritando o sentimento da vida, assim como todo ritmo de estímulos pequenos e dolorosos o fortalece, o que também os pessimistas podem atestar: esse não apaziguamento, em vez de prejudicar a vida, é o grande estimulante da vida. (Nietzsche, Vontade de Poder:800)

Em dimensão diversa a vontade de poder se coloca no plano do conhecimento produzindo valores a partir de forças criadoras de moral divididas em afirmadoras e reativas, conforme baseadas na utilidade ou no ressentimento. Valendo tanto para a pessoa como para o conjunto que se pretende orgânico intitulado sociedade ou estado.

A exposição das teses centrais de A genealogia da moral mostra como – ao privilegiar na análise as forças, os instintos, a vontade de potência – a genealogia dos valores morais se realiza tomando a vida como critério de avaliação, mas evidencia também a definição mais especificamente nietzschiana da vida como vontade de potência: a natureza da vida

⁴ Irresistível não remeter a Além do Princípio do Prazer de S. Freud (1920).

⁵ Registre-se que em Vontade de Poder, 647 ele faz restrições ao Darwinismo.

é a vontade de potência. (Roberto Machado, 2002:68).

Obtendo sua manifestação mais elevada, com as características de força procriadora onde a pulsão sexual sempre se vê de alguma forma ali intensamente presente ainda que mais ou menos sublimada. A vontade de poder esta na origem de todo o processo criativo (que traz dentro de si um eixo destrutivo) onde a elevação sensorial esta articulada na pulsão sensorial e o artista tem a capacidade de amplificar o jogo de forças que esta presente em tudo, dando uma dimensão de bela aparência ou ainda de fazer refletir com o aparelho sensor-emocional, produzindo a matéria capaz de elevar as paixões. E a paixão é a manifestação mais didática de vontade de poder, pela sua inesgotabilidade, progressão, enfrentamento e tensão. É o querer para além dos seus próprios limites ontológicos. Ainda que o desejo, o querer ou o rejeitar sejam manifestações da vontade de poder, os dois conceitos se distanciam muito, vez que esta é infinitamente mais ampla em relação ao sujeito, objeto e manifestação.

Os artistas, se valem algo, são fortemente (também corporalmente) aplicados, excessivos animais de tração, sensuais; não há como pensar em um Rafael sem um certo superaquecimento do sistema sexual... Fazer música é também uma espécie de procriação (kindermachen); castidade é simplesmente a economia de um artista: - em todo o caso, também a fecundidade, no artista, cessa junto com a fase de procriação... (Nietzsche, Vontade de Poder:800)

Heidegger trata da matéria nos dois capítulos de Nietzsche. No primeiro M.H. didaticamente passa a adotar a expressão vontade para além de si e destaca três dimensões essenciais, a saber: paixão, sentimento e comando. Elas se conjugam para demonstrar um processo de constante busca de expansão de potencialidades que urgem em se tornarem manifestas, além do próprio esforço incessante em manter a si mesmo sob o prisma da duração. Estamos tratando do conjunto de forças e contra-forças que atuam sobre o ser do ente em permanente mutação.

Nietzsche equipara, frequentemente, poder e força, sem que essa noção de força seja determinada de maneira mais próxima. Força, a capacidade reunida e em si e pronta para atuação, o estar em condições de..., é o que os gregos, antes de tudo Aristóteles, designam como dinamis. (Heidegger, Vol. I, 2010:59)

No volume dois há um aprofundamento do tema e o estabelecimento de um nexo entre o aspecto animal que repousa em cada um de nós e a vontade de poder. Os aspectos inconscientes, apetitosos com seus impulsos, ímpetos, arrebatamentos e pulsões que dão fundamento à vida seria o modo de expressão da vontade de poder. E a vontade de poder instaura uma metafísica valorativa na medida em que o poder se desenvolve em dois eixos o da sua manutenção e o da sua

ampliação. Esses dois movimentos interdependentes acabam por estabelecer ou melhor a instaurar e depois institucionalizar um conjunto ortoatitudinal onde a Teoria Tridimensional do Direito de Miguel Reale⁶ se mostra por demais evidenciada: fato, valor e norma. É a metafísica que legitima a dominação e estabelece as condições de desenvolvimento da vontade de poder direcionada individual e coletivamente para os valores ditos supremos e incontestes.

O poder só pode apoderar-se de si mesmo para uma superpotencialização na medida em que comanda antes de tudo a elevação e a conservação. É constitutivo daí o fato de o próprio poder e apenas ele estabelecer as condições de elevação e da conservação. (Heidegger, Vol. II 2010:203)

Heidegger utiliza-se da expressão superpotencialização para expressar que a vontade em si não expressa nada, o que importa é o poder uma vez que ele estabelece uma necessidade permanente e crescente de sustentação e amplificação de suas potencialidades em constante elevação de patamar e imediatamente de expectativa. A perspectiva é essencial ao vivente, sem ela o humano se nadifica. Essa subjetivação da vontade de poder é que dá o salto metafísico e instaura uma verdade e um conjunto de valores que pode após atingirmos o mais profundo abismo niilista, promover a transvaloração de todos os valores. Para usar uma expressão heideggeriana esse processo seria capaz de deflagrar um das eirignis ou o contrário, uma ruptura do processo histórico seria capaz de instaurar os novos valores, dessa vez em dupla negação: negando a própria negação, o niilismo, e afirmando o assim eu quero e a segunda negação que ocorreria ao excluirmos o lugar onde a metafísica se desdobra, aquele lugar que foi da Teoria das Formas, do Deus Cristão, dos valores do racionalismo e assim sucessivamente. Somente a radicalização do niilismo pode ser capaz de acabar com ele, negando a negação e, portanto promovendo a afirmação.

O niilismo extremo, mas ativo, afasta os valores até aqui juntamente com seu espaço (o supra-sensível) e cria pela primeira vez possibilidades para a nova instauração de valores. (Heidegger, Vol. II, 2010:213)

Mas é na relação da vontade de poder com o tempo que nasce as condições de possibilidade de pensar o Eterno Retorno. Essa vontade de poder seria limitada à linearidade temporal, como seria possível romper com os grilhões que impedem sua força de atuar no passado. A impossibilidade de retroquerer torna a vontade de poder intoleravelmente limitada.

Zaratustra esta, mais uma vez, apostando no futuro como condição do sentido do passado e

⁶ [http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista artigos leitura&artigo_id=11825](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11825)

do presente; está, mais uma vez, em sua valorização do tempo, privilegiando o futuro como possibilidade de abolição de uma vida niilista que, ao criar a ficção da eternidade, evidencia uma vontade de vingança, uma vingança contra o tempo, contra a vida temporal; está, mais uma vez, criticando a redenção cristã, entre outras “loucas formas de redenção”, pensada como “redenção do fluxo das coisas e do castigo da existência”. (Roberto Machado, 1997:105)

O niilismo necessita do presente e do passado para exercer sua força. O futuro, com sua perspectividade não se presta à negação. O ponto de inflexão do pensamento de Nietzsche capaz de dar a verdadeira dimensão ao Eterno Retorno é o capítulo da Redenção na segunda parte de Zarathustra. A redenção redime o ser humano de sua constante vingança contra o tempo. A vontade de poder é incompatível com o foi assim, seu elemento essencial é o assim eu quis. É exatamente essa potencia de vontade que é capaz de derrotar o último arauto dos niilistas. O tempo para deixar de aprisionar terá de abandonar sua linearidade.

“Já era!” Assim se chama o ranger de dentes e a mais solitária aflição da vontade. Imponente contra o fato, a vontade é para todo o passado um malévolo expectador.

A vontade não pode querer para trás. Não pode aniquilar o tempo e o desejo do tempo é a sua mais solitária aflição.

O querer liberta, mas o que é que o próprio querer inventa para se livrar de sua aflição e zombar de seu cárcere? (Nietzsche, 2010:112).

O Eterno Retorno do Mesmo e O Eterno Retorno da Diferença – Substituir o “assim o foi” pelo “assim eu o quis”. Ser protagonista de sua própria vontade.

Heidegger estabelece firme conexão ente o eterno retorno e a forma como a totalidade do ente se coloca aí. De fato no aforismo clássico sobre o tema, do *Peso Mais Pesado*, há uma clara intelecção de uma totalidade do ente que se presentifica ao longo do tempo, este todavia não se entificando explicitamente no texto, mas há que se deduzir que se tudo repete, o repetir repete o tempo inexoravelmente. O pensamento do eterno retorno sem açambarcar a totalidade do ente perde o sentido, não há como cogitar o retorno do mesmo se não for o retorno de todo o mesmo, não exclusivamente pela interconecção que há em tudo e por tudo, como pelo fato de que a vontade de poder permeia todo e qualquer ente quando se coloca na dimensão do ser. Sem perder de vista que a referida conexão é núcleo conceitual da vontade de poder assim vista como conjunto de forças multivetoriais e antagonistas.

Aqui é válido dizer: o ente, que possui enquanto tal o caráter fundamental de vontade de poder,

não pode ser na totalidade senão eterno retorno do mesmo. E, inversamente: o ente, que é na totalidade eterno retorno do mesmo, precisa possuir enquanto ente o caráter fundamental da vontade de poder. A entidade do ente e a integralidade do ente requisitam de maneira alternante o modo de sua respectiva essência a partir da unidade da verdade do ente. (Heidegger, 2010, Vol. II, 215).

Se a vontade de poder potencializa, tira da latência a força agônica e coloca o ser em abertura, as possibilidades do ser são tão limitadas quanto as variáveis do devir. Mas ser e devir convivem, aquele no plano da consciência é igual a si mesmo enquanto perdura e este o oposto inconstante. Essa coexistência nos leva à intelecção inolvidável de que tudo necessita de retornar, o que não faz do mundo uma estrutura orgânica e pensada, ao contrário é o caos que teima em estabelecer padrões verificáveis a posteriori como bem asseverado na teoria de Edward Lorenz. Esses padrões caóticos são resultado das forças relacionais que a vontade de poder eleva sempre aos seus limites, onde a repetição se esconde como tudo o que é da natureza diante do homem. Na ocultação da clareira jaz o eterno retorno não como uma lógica metafísica de um mundo pensado, mas pelo esgotamento matemático das possibilidades variantes de um universo finito. O mestre do peso mais pesado aponta a gravidade do vivente em cada mínimo ato e a afirmativa que a vontade de potência eleva sistematicamente ao ápice. Vamos ouvir como Heidegger sistematiza a ideia:

1. A infinitude do tempo segundo a direção do futuro e do passado. 2. A realidade do tempo que não é nenhuma forma subjetiva da intuição. 3. A finitude das coisas e de seus decursos coisas. Tudo o que efetivamente pode ser já precisa ter sido como ente sobre a base dessas pressuposições; pois em um tempo infinito o curso do mundo finito já teria necessariamente se consumado. (Heidegger, 2010, Vol. I, 229).

Se o universo é finito ainda que sem fronteira e se o total da massa do mesmo é conhecida (10^{54} kg) o conjunto de relações possíveis ainda que seja muito grande é finito e por isso mesmo repetidor. Em cada instante que o mestre Zaratustra eleva à condição de portal se queda todo um universo de possibilidades repetitivas por força de sua finitude. A gravidade e a ousadia de pensar o tempo circular no leva a sentir a sensação de sufoco que Zaratustra experimentou ao lutar com a cobra que só cedeu ao se ver arrancada a mordidas no tênue limite entre o declínio e a superação do homem diante do fastio da civilização medíocre.

Gilles Deleuze invoca por seu turno a necessidade do acaso. Dionísio joga e Zaratustra afirma que devemos desconfiar da sorte especialmente quando ela nos sorri. *Amo aquele que se envergonha quando vê os dados caírem a seu favor e que então pergunta: Será que sou um trapaceiro? Porque seu desejo é perecer. (Prólogo).*

Para o mestre francês pressupor o retorno do mesmo seria afirmar um mesmo preexistente, de outra forma como poderia ele retornar? O eterno retorno seria a afirmação da vida dentro de um padrão ético concatenado com a vontade de poder onde a decisão se ampara no assim eu o quis e quereirei ao longo da eternidade, vivendo o ranger de dentes que a existência inexoravelmente impõe. E isso em uma dupla via, a da decisão e a da negação, daí o caráter seletivo deste. Ou mesmo uma paródia do imperativo categórico de Kant: aja de tal forma que a tua máxima possa se converter numa lei universal...

Porque nos dá uma lei para a autonomia da vontade desgarrada de toda a moral: o que quer que eu queira (a minha preguiça, a minha gulodice, a minha covardia, o meu vício com a minha virtude), "devo" querê-lo de tal maneira que lhe queria o eterno Retorno. (Deleuze, 2009:35).

O eterno retorno do diferente seria uma destilação, onde o mesmo produto vai sofrendo sua depuração através de um processo onde a substância humana vai apurando sua valoração até a sucessão do além do homem que coloca em obsolescência o último niilista um ser individualista, descrente de qualquer valor, que nega a própria vida em favor de ilusões tecnológicas, consumistas e idolatra a celebridade como se fosse um deus paradigmático.

Heidegger propõe uma leitura ontológica, do ser enquanto comportamento, da física e da metafísica. Deleuze um alicerce onde repousarão os novos valores transmutados. Um trilhar ético afirmativo. Por loucura que possa parecer ambas as leituras me parecem compatíveis, eis que valor e metafísica teimam em caminhar de mãos dadas. Se para Deleuze não é retorno do mesmo e nem ao mesmo. Ou seja não há retorno algum, mas a afirmação a cada decisão, gesto ou atitude de uma convicção tal qual a revivência fosse acontecer indefinidamente com seus sabores e sofrimentos. Esse processo afirmativo da vontade de poder promoveria a derrocada do niilismo, a tresvaloração de todos os valores e o surgimento do além-ser-humano. Creio que em Zaratustra possamos encontrar palavras que não tenham a pretensão de arrematar a discussão porque esse findar não é proposta de Nietzsche. O que ele deseja e faz é desinquietar, combater a calma da falência do homem pela perda de seu poder de criação ou pela mitigação de sua vontade. O homem cheio de certezas, coberto de razão, abundante em bom-senso, baluarte das bondades, domador de seus apetites, obediente e patrulheiro, nada mais é que um tolo à serviço de forças e valores que lhe foram servidas requentadas e ele se deliciou em festim. O último dos homens, o mais decadente...

Olha, nós sabemos o que ensinas: que todas as coisas tornam eternamente e nós com elas, que nós já temos existido uma infinidade de vezes, e todas as coisas conosco.

Ensinas que há um grande ano do devir, um ano monstruoso que, à semelhança de um relógio de areia, tem sempre que se voltar novamente para correr e se esvaziar de vez.

De forma que todos esses grandes anos são iguais a si mesmos, em ponto grande e

pequeno; de forma que nós em todo o grande ano somos iguais a nós mesmos, em ponto grande e pequeno.

(...)

Tornarei eternamente para esta vida, igual em ponto grande e também pequeno, a fim de ensinar outra vez o eterno regresso das coisas, a fim de repetir mais uma vez as palavras do grande meio-dia, da Terra e dos homens a fim de instruir novamente os homens sobre o super-homem. (Nietzsche, 2009:173).